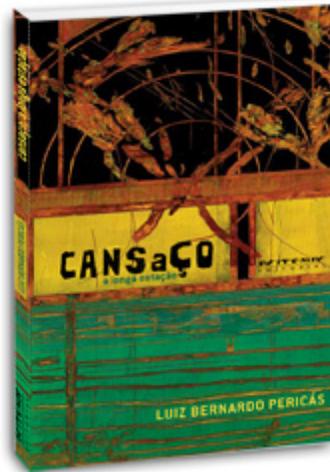




***Cansaço, a longa estação*, de Luís Bernardo Pericás¹.**

Um novo ímpeto à Literatura brasileira.

Gabriel Lopes Pontes²



É impossível ler *Cansaço, a longa estação*, de Luiz Bernardo Pericás, como se lê qualquer outro livro. Não é um livro que se lê, mas um livro que se vive. O que pulsa nele é a vida em si, por mais que eivada de dor, de sofrimento, de miséria. Lê-lo, portanto, mais do que uma grande experiência literária, é uma grande experiência de vida.

Bem verdade que existe a dificuldade de encaixá-lo num gênero literário específico. Trata-se de um conto longo? Ou é um romance curto? Talvez uma novela em duas únicas partes? A princípio, tendemos a nos colocar este questionamento técnico mas logo percebemos que, ao fazê-lo, estamos sendo apenas preciosistas. Ao fim e ao cabo, esta classificação não importa. Mesmo porque *Cansaço* foge a ela. É quase como se lançasse um gênero novo, híbrido, conto esticado para novela, romance condensado em novela, novela expandindo seus limites até quase violar a fronteira do romance... Toda classificação tradicional torna-se ainda mais difícil – e fútil –, e este hibridismo torna-se ainda mais nítido, na medida em que o autor faz de seu glossário não um mero glossário, mas uma terceira parte, indiscernível das

¹ PERICÁS, Luiz Bernardo. **Cansaço, a longa estação**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

² Ensaísta, ficcionista, tradutor e cineasta.



duas anteriores, cada uma delas dedicada a um dos contendores e às suas respectivas visões da contenda.

Cansaço arrebatava o leitor de imediato e não permite que ele se desvie um segundo sequer da narrativa contida em suas páginas. É daqueles raros – e deliciosos – livros que se lê de um único fôlego e, quando se chega à última linha, volta-se à primeira para lê-lo de novo. Experimente ler a estória e, em seguida, o glossário. Ou ler primeiro o glossário e, uma vez familiarizado com as centenas de verbetes com os quais a estória é escrita, voltar a ela. Ou ler a estória consultando o glossário a cada termo desconhecido. Eles surgem o tempo todo, como se o livro tivesse sido escrito, mais do que num dialeto circunscrito a uma geografia específica, numa língua nova, recém-inventada. Alguns são regionalismos que indicam que Pericás ou viveu longo tempo no Nordeste brasileiro ou fez uma senhora pesquisa linguística, ou ambos; outros são neologismos criados a partir das mais diversas mitologias, que resultam em uma beleza poética ímpar. Enfim, há mil maneiras de saborear a prosa fina, rica, brilhante, erudita, originalíssima contida nestas pouco menos de cem páginas. Encontre a sua.

Constatação gratificante a respeito de Luiz Bernardo Pericás é que ele é um daqueles muito raros prosadores cuja prosa evoca automaticamente a de vários outros, mas que nem por isto deixa de ser absolutamente original e pessoal.

Por exemplo, são inevitáveis e imediatas as associações com João Guimarães Rosa. Em primeiro lugar porque o hermetismo da terminologia regional que ambos adotam não embota em nada a beleza literária dos seus respectivos trabalhos, antes contribui para ela, é sua essência mesmo. Por outro lado, o choque entre os antagonistas de *Cansaço*, Punaré e Baraúna, quase que automaticamente evoca o dos antagonistas de *Duelo*, o mais belo conto de *Sagarana*, embora existam grandes diferenças tanto entre os personagens quanto entre as estórias. Seria certamente exagerado afirmar que a carga dramática intrínseca a este choque faz dos personagens de Pericás contendores da mesma estatura de um Aquiles e um Agamenon, mesmo porque não era isto que Pericás pretendia. Não obstante há, nestes dois homens rudes, ignorantes, paupérrimos e sofridos, e em suas tragédias particulares, em sua agoniada querela, em sua busca desesperada de redenção, um quê de grandeza homérica. Ao fim e ao cabo, é mesmo à contenda entre o fiscal e do dono da venda do célebre conto *Sol*, do baiano Vasconcelos Maia, que o choque entre os rústicos sertanejos de Pericás nos remete. E o mérito de conseguir despertar no leitor esta associação conta muitos pontos a favor do autor de *Cansaço*.



Já a aridez da paisagem e das almas que a habitam guardam parentescos tanto com José Lins do Rêgo, sobretudo quando este aborda o cangaço, como com os Terras de Érico Veríssimo. Assim como Adonias Filho, Pericás é habilíssimo em compor frases muito, muito curtas e fechá-las de maneira única. A capacidade de resolução numa narrativa rápida que, por ser rápida não deixa de ser densa, lembra muito o *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro. Seu ritmo narrativo tem, lá no fundo, um gostinho bom de José J. Veiga. O burilamento da sua linguagem ombréia com o de Herman Melville, mesmo se devidamente guardadas as distâncias espaço-temporais, idiomáticas e culturais³.

A desesperança que não deixa de permear a trama e os personagens nela envolvidos remete ao niilismo amargo de Graciliano Ramos. Aliás, como não imaginar que a cadela Baleia, de *Vidas Secas*⁴, talvez o animal mais famoso de toda ficção nacional, saiu da mesma ninhada que o cachorro Corisco? Quanto a este famélico perro, Pericás lhe dá triste destino na primeira parte de *Cansaço*, que choca o leitor e mesmo chega a revoltá-lo. Mas, na segunda parte, fica patente a importância deste procedimento para a trama.

No que tange ao aspecto elegância, talvez o fundamento mais importante de uma obra literária, só nos cabe dizer que a elegância de Pericás não encontra paralelo senão na de Osman Lins. E isto não é pouca coisa.

Mas o melhor de tudo é que Pericás tem um quê de todos esses escritores, mas não é nenhum deles, é ele mesmo. Só os grandes conseguem tal façanha.

Não é possível descrever aqui a sequência dos eventos narrados sem correr o risco de contar a estória toda, mas dá pra apresentar sua estrutura narrativa básica, ambientada no interior de um estado nordestino inespecífico, nem pouco nem muito tempo depois da proclamação da República.

³ Uma das leituras reconhecidamente possíveis para *Moby Dick* é a de um grande tratado biológico sobre os cetáceos, talvez o primeiro a ser escrito. Sem chegar a fazer de *Cansaço* um estudo semelhante no que se refere aos bovídeos, Pericás encontra uma quase inesgotável variedade de classificações para os bois, consoantes a esta ou aquela pelagem que um animal possa ter. Num só parágrafo, ele elenca zainos, ensabonados, jaboneiros, cárdenos, salineiros sardos, berrendos, salpicados, capirotos, caretas, luzeiros, olhinegros, albardados, churriados e girões. E aqui nos apercebemos que mesmo que prefira não ir ao glossário para saber o que cada um destes bois é, o leitor se compraz com a riqueza poética do texto. Por outro lado, se for ao glossário, se compraz com a beleza poética deste.

⁴ Em determinado trecho, Pericás diz que seus personagens levam *vidas ocas*. Inevitável ponderar qual adjetivo – ocas ou secas – melhor define a existência da sofrida malta sertaneja que habita as páginas tanto de um quanto de outro destes dois romances formidáveis.



A primeira parte do livro, intitulada Punaré, é toda ela dedicada a um adolescente, José Eleutério, o único remanescente da extensa prole de um casal demolido pela penúria, cujos únicos companheiros são o boi Deodoro, batizado em honra ao marechal, embora o garoto não saiba, a respeito deste marechal, nada além de que ele foi figura política de proa, e o cão Corisco, um mais esquálido do que o outro, mas amados e idolatrados por seu dono, a cuja alma não se pode negar uma grande dosagem de sensibilidade e uma inclinação à fuga da realidade atroz pela via do sonho e da fantasia. Seu projeto profissional é um só: ser vaqueiro. Seu platônico amor é Cecília, a mais cobiçada beldade daquelas plagas áridas. Mas... Pobre rapaz! Deu vexame como vaqueiro diante da sua Dulcinéia, justamente quando o que pretendia era encantá-la com sua habilidade no trato da animália xucra, e, no desespero para desenodoar sua imagem, esfaqueou o rosto de Baraúna, um tipo fortão que ele achou que estava a assediá-la. Da improcedente querela, um levou uma cicatriz a deformar ainda mais um rosto já famoso pela feiura; o outro, a vergonha de sair fugido, aproveitando que o desafeto fora contido por policiais, e o apelido aviltante, que não mais o largará: Punaré, rato do mato.

Em torno desta briga rápida e gerada por motivo fútil, gira o livro. Melhor dizendo: em torno deste *ataque* rápido e gerado por motivo fútil, pois, para se falar estritamente a verdade, Punaré e Baraúna não chegaram a brigar. O primeiro feriu o segundo de *moto próprio*, num gesto tresloucado, mas, dando-se conta de quão perigoso e poderoso era o inimigo que fizera, se evadiu antes que pudesse sofrer qualquer retaliação.

Nesta primeira parte, veremos o medo obsessivo que Punaré tem da prometida vingança do valentão daquelas bandas, com quem fizera a loucura de se meter. Ficaremos entre enternecidos e abismados com sua tão insólita quanto inquebrantável decisão de abandonar pai e mãe, que ama profundamente e pelos quais é amado; a casinha onde nasceu, cresceu e viu tanto os irmãos morrerem quanto os velhos serem agredidos pelos macacos da fraqueza do governo; a rotina entediante e estafante de trabalho, quase sem água e quase sem comida, para oferecer o boi Deodoro ao pai da moça, em troca de sua mão. Com a mesma perseverança com que Ulisses busca Penélope, Punaré buscará Cecília, com direito a sua própria experiência lotófaga e a perdas dolorosas no percurso. A sua devoção cega por ela é do mesmo teor daquela que impulsiona Galahad e Gawain a demandar o Santo Graal. Nesta acre jornada, Punaré pede ajuda a um feiticeiro ao qual é inevitável associar os oráculos da mitologia grega e os magos das gestas medievais, e que terá surpreendente papel na trama, praticamente estabelecendo



uma ponte entre as duas partes. Os resultados desta obsessão quimérica são os que se vê ao fim da primeira parte. Prepare-se para surpresa e choque.

Se a primeira parte é, toda ela, dedicada a Punaré e leva seu nome como título, a segunda intitula-se justamente Baraúna e traz a versão deste para os eventos, em flagrante choque com a de seu rival. Nela vemos que, se é que há um vilão, este não é Baraúna, mas Punaré, muito embora sua única vilania tenha sido a precipitação de um menino apaixonado.

Punaré atacou Baraúna, quando Baraúna absolutamente nada tinha feito para motivar este ataque. Seguro por policiais, o ofendido instintivamente se defende. Cego pela dor e pela humilhação, o faz com fúria inusitada. Os policiais, feridos nos seus brios de *otoridades* e em sua macheza de sertanejos, fria e calculadamente urdem e colocam em prática contra Baraúna uma terrível vingança por seu atrevimento. Sem outra saída que um revide brutal, mesmo por que o próprio código de honra sertaneja assim o exige, Baraúna adquire uma fama que nunca buscou e pela qual nunca tinha, até então, feito nada para granjear. Num certo sentido, portanto, foi Punaré quem fez Baraúna ser o que ele, Punaré, erroneamente imaginava que Baraúna fosse. A crueldade desta ironia é, talvez, o ponto fulcral do livro.

O certo é que os episódios de extrema violência desta segunda parte contrastam fortemente com o idílio ingênuo a que Punaré se entrega na primeira. Estruturalmente falando, encerra-se a segunda parte com eventos que ocorreram pouco antes de Punaré ter chegado à casa da amada, para pedir-lhe a mão aos seus pais. É com esses eventos que acaba a estória, mas o fim da estória também marca o verdadeiro começo da vida dos envolvidos no triângulo amoroso. O livro mesmo, é forçoso insistir, só se fecha com o glossário, tão extenso como cada uma das duas partes estritamente narrativas que o precederam, e de equivalente sabor literário.

De ressalvas, se é que elas cabem numa obra ficcional de tamanha grandeza, só duas. O subtítulo soa totalmente desnecessário. E as raras falas dos personagens, entre aspas, bem que poderiam ter sido incorporadas ao fluxo do narrador onisciente. Independentemente e para além destes detalhes, quiçá realmente irrelevantes, *Cansaço* é um livro que brilha como uma supernova por sua granítica densidade enquanto obra-de-Arte, pelo quadro sócio-histórico que, nas suas páginas, é exposto com invulgar sensibilidade, pelo tocante caráter humano dos seus personagens, pela esplêndida força da narrativa de Luiz Bernardo Pericás e pela inebriante verve de sua prosa. Esperemos, ansiosamente, que muito mais, dentro em breve, surja da sua lavra. Não é todo dia que desponta um grande escritor.